

UMA LÓGICA DA FANTASIA?

LACAN ENTRE A CLÍNICA, O SOCIAL E A ONTOLOGIA

Alexandre Starnino ¹

Daniel Omar Perez ²

Erika Parlato de Oliveira ³

Resumo: Uma lógica da *fantasia*? Trata-se da proposta lacaniana para aquilo que parece severamente falho, em princípio, de algum ordenamento, o mais contrário possível a um parâmetro lógico. O presente artigo se propõe a discutir e estabelecer o valor teórico e clínico dessa *lógica* a partir de três momentos: Primeiro, é abordado a querela acerca do estatuto da realidade presente na obra freudiana e as formulações lacanianas frente aos impasses clínicos e ontológicos encontrados; o que tem por efeito a proposição de uma lógica amarrada a estrutura do matema, e a delimitação fronteira da fantasia nos registros RSI. Segundo, se articula o ordenamento dessa lógica a partir dos elementos do matema $\$ \diamond a$ e de proposições centrais do *Seminário 14, a lógica da fantasia*. Terceiro, a lógica da fantasia é articulada na dimensão clínica – e portanto social – sendo evocadas algumas formalizações lacanianas, a saber, os quatro discursos e o grafo do desejo.

Palavras-chave: Psicanálise. Lógica. Freud. Lacan. Fantasma. Seminário 14.

Résumé: Une logique du *fantasme* ? C'est la proposition lacanienne pour ce qui semble, en principe, manquer sévèrement d'un certain ordonnancement, le plus contraire possible à un paramètre logique. Le présent article se propose de discuter et d'établir la valeur théorique et clinique de cette *logique* à partir de trois moments : Premièrement, on aborde la querelle sur le statut de la réalité présente dans l'œuvre freudienne et les formulations lacaniennes face aux impasses cliniques et ontologiques rencontrées ; ce qui a pour effet de proposer une logique liée à la structure du matema $\$ \diamond a$, et à la délimitation de la frontière du fantasme dans les registres du RSI. Deuxièmement, on articule l'ordonnancement de cette logique à partir des éléments du matema et des propositions centrales du *séminaire 14, la logique du fantasme*. Troisièmement, on articule la logique du fantasme dans la dimension clinique - et donc sociale - en évoquant certaines formalisations lacaniennes, à savoir les quatre discours et le graphe du désir.

Mots-clés: Psychanalyse. Logique. Freud. Lacan. Fantasme. Séminaire 14.

¹ Psicanalista e Pesquisador. Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e em Psychanalyse et Psychopathologie pela Ecole Doctorale d'Études psychanalytiques (Université Paris Cité).

² Psicanalista e Professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisador PQ 1D no CNPQ

³ Psicanalista, Professora e pesquisadora do Centre de recherche Psychanalyse, médecine et société da Université Paris Cité.

Introdução

No início do *Seminário 14, a lógica da fantasia (fantasme)*,⁴ Lacan (1967-68) anuncia com o tom de enigma que lhe é característico: “Coisa estranha, sem dúvida, mas não vou me alongar: (...) a fantasia, como afirmamos estabelecer o seu estatuto, não é tão fundamentalmente, tão radicalmente antinômica como se poderia pensar à primeira vista, a essa caracterização lógica”.⁵ Por mais paradoxal que isso pareça em princípio, uma estruturação lógica da fantasia é assim proposta. Uma formalização específica também é designada: o matema da fantasia $\$ \diamond a$.

Qual o valor teórico e clínico dessa lógica e qual a validade formal dessa construção? Essa é a questão mais ampla que esse artigo contempla. Uma possível resposta é legível a luz de um direcionamento que encontra solo fértil numa discussão ampla e espinhosa acerca do estatuto da “realidade” que, podemos dizer, está enlaçada a questão da fantasia, ao passo que anima e atravessa o pensamento de Lacan desde os seus estudos iniciais acerca da paranoia; debatidos já em sua tese de doutorado em 1932. O entusiasmo dos surrealistas com as teses lacanianas e o repúdio de parte da psiquiatria da época dão indícios disso.

Podemos dizer que uma espécie de desacordo teórico de Lacan para com o entendimento freudiano acerca deste conteúdo movediço, a “realidade humana”, é um fio condutor possível acerca da apropriação e delimitação da noção lacaniana de fantasia. Ou, pelo menos, um desacordo com o dualismo designado pelo mestre vienense entre uma

⁴ Como destaca Roudinesco (1998), o termo lacaniano *fantasme* é traduzido para o Brasil como fantasia ou fantasma. Optamos por manter “fantasia”. Principalmente, pela profunda distinção que o termo fantasma (assombração, visão quimérica, espectro etc.) assume na língua brasileira. Brasileira, como bem destacado por Eni Orlandi (2005). Do ponto de vista teórico, sabemos, obviamente, das diferenças que o termo *fantasme* e *logique du fantasme* assume em relação a ideia freudiana de *Phantasia*, sendo o *matema da fantasia* ($\$ \diamond a$) a maior prova disso. Inclusive, esse artigo, entre outras coisas, procura demonstrar parte dessas diferentes acepções. Sobre esse assunto que remete a questão da tradução, indicamos o texto : *O "fantasme" em Jacques Lacan, o Intraduzível em questão* (2021). Ali lemos o seguinte ponto preciso : “a tradução de *fantasme* por *fantasma* criaria um indizível na língua de partida, a língua francesa. Gera, no entanto, um mal-entendido na língua de chegada. O *fantasme*, portanto, apresenta-se como um "intraduzível", um "sintoma de diferença" como fala Cassin (2018). (...) Não podendo ser traduzido para um outro idioma por um único termo sem que uma perda significativa na precisão conceitual aconteça. Rejeitamos, portanto, no que diz respeito às traduções por "fantasma" ou "fantasia", *a perspectiva que aponta para o erro*. Não acreditamos serem elas equivocadas, apenas parciais. Nossa aposta é procurar sustentação na própria escolha metodológica feita por Lacan em relação à transmissão, e, no que toca ao conceito de *fantasme*, sua escritura pela via do matema ($\$ \diamond a$) mostra-se indispensável”.

⁵ Lacan (1967-68), *tradução nossa*, do seguinte trecho ampliado: “Chose étrange sans doute et sur quoi vous me permettez de ne pas m’être : je veux dire que ce que suggère de rapport à la fantasia, à l’imagination, le terme de fantasme, je ne me plairai pas, même un instant, à en marquer le contraste avec le terme de logique dont j’entends le structurer. C’est sans doute que le fantasme, tel que nous prétendons en instaurer le statut, n’est pas si foncièrement, si radicalement antinomique qu’on peut au premier abord le penser, à cette caractérisation logique qui, à proprement parler, le dédaigne”.

“realidade material” (objetiva) em franca oposição às fantasias. Isso leva Lacan a produzir, no decorrer de seu percurso, uma outra inteligibilidade para abarcar a estruturação da fantasia e da própria compreensão do que designa por realidade, a partir da proposição dos registros real, simbólico e imaginário, como engendramento mais efetivo frente ao que Freud propunha como *realidade psíquica* (*Psychische Realität*).

Essa problematização nos permite uma explanação com apontamentos ontológicos, por um lado, e uma *solução lógica*, por outro. Esse movimento inicial do artigo de diferenciação entre a formulação freudiana da fantasia (*Phantasia*) e a formulação lacaniana (*fantasme*), atravessado por uma discussão ontológica, culminam numa estruturação lógica. *Fundamentamos que a lógica da fantasia é uma saída teórica encontrada por Lacan frente a impasses ontológicos ao mesmo tempo que se consoma como um elemento clínico central. Ao delimitarmos no que consiste essa lógica, após demarcarmos os termos formais que culminam na construção do matema $\$ \diamond a$, pudemos, em alguma medida, dimensionar o valor teórico e o alcance clínico.*

Como se sabe, o conceito de fantasia nem para Freud nem para Lacan se trata de um conceito fundamental, como o inconsciente, a pulsão, a repetição e a transferência (discutidos no *Seminário II*). Acontece que noções como “travessia da fantasia” (1964), por vezes difundida de maneira no mínimo confusa,⁶ ou mesmo a designação lacaniana de que “o valor da psicanálise consiste em operar sobre as fantasias” (1967), não são exatamente secundárias ou periféricas dentro do dispositivo teórico e clínico. No entanto, essas formulações só assumem expressiva importância teórica na medida em que se designam a partir de uma *lógica da fantasia* articulada ao trabalho clínico e aos processos subjetivos inscritos socialmente, *não* exatamente a partir de uma discussão estritamente ontológica.

Desse modo, na terceira e última parte deste artigo, buscamos articular alguns elementos da clínica à lógica da fantasia, a partir de algumas formalizações lacanianas como a dos quatro discursos e o grafo do desejo.

⁶ Nesse artigo não trabalharemos detidamente a ideia, atribuída a Lacan, de que o fim da análise é a consumação da *travessia da fantasia*. “Atravessamento” e “travessia” aqui é trabalhado no sentido daquilo que todo processo de análise proporciona via associação livre, isto é, a travessia da fantasia - as conscientes ou inconscientes - e a relação com o que Lacan (1967a) denomina de “janela para o real”. Acerca de uma discussão crítica a noção de travessia da fantasia como fim de análise, remetemos o leitor a *Desler Lacan* de Ricardo Goldenberg (2019).

1 Entre Freud e Lacan: a querela da realidade

Um primeiro ponto decisivo acerca do que designamos por lógica da fantasia em Jacques Lacan: a apropriação epistemológica de Lacan, como se sabe, em sua forma de incorporar, retornar a Freud, e assim impor uma releitura da psicanálise, se orienta por uma matriz teórica bastante eclética e bem diferente das linhas de força centrais que compõem a proposta de abordagem freudiana. Isso se estende, obviamente, à maneira com que Lacan fundamenta o que ele designa por fantasia (*fantasme*). O psicanalista francês tem a lógica, a linguística, a antropologia estrutural, a topologia – para citar alguns eixos – como centrais. Enquanto que Freud ancora-se em numa matriz com forte base positivista,⁷ fundamentando a fantasia muito mais no enredo de um escrutínio filogenético, psicogenético e ontogenético em franca oposição a uma realidade material (objetiva).⁸

As diferentes matrizes epistemológicas implicam, por um lado, numa reformulação da noção de fantasia e, por outro, um problema que envolve a compreensão do que designamos amplamente por realidade, real, invenção, imaginação. Ideias que evocam e abrangem uma infinidade de referências não só no âmbito psicanalítico. Vejamos como isso se articula, primeiro, a partir de Freud.

1.1 *Phantasia*: da “teoria da Sedução” à “realidade psíquica”

O que é a realidade factual e o que da ordem da invenção? Esse foi um problema decisivo encontrado por Freud nos primórdios de sua clínica ao sustentar a conhecida “teoria

⁷ Vale destacar as considerações de Bento Prado Junior (1988): “sublinhemos, para começar, que o destino da psicanálise está ligado, desde sua origem, à ficção e à narrativa literária, embora jamais tenha rompido com o ideal de cientificidade e, mais ainda, com um programa epistemológico de inspiração positivista. Em primeiro lugar, já que a montagem do aparelho interpretativo da psicanálise é indissociável de uma espécie de verdade, até então ignorada, da ficção ou, mais particularmente, da Tragédia, ou seja, da descoberta da riqueza heurística do Hamlet ou do Édipo-Rei. Em segundo – como já observou Joel Birman –, na própria escrita de Freud, que apresenta seus casos clínicos num estilo que é difícil discernir do característico dos melhores contistas”

⁸ No caso do Homem dos Lobos, por exemplo, na discussão teórica com Jung, podemos ver esse ponto de ancoragem da fantasia freudiana: “Devemos ver na cena originária a recordação de um acontecimento efetivamente vivido pelo sujeito ou uma pura fantasia? A questão, que foi objeto de um debate de Freud com Jung e consigo mesmo, é por diversas vezes discutida em *O homem dos lobos*. As respostas de Freud, por mais variáveis que possam parecer, situam-se entre dois limites: na primeira redação de *O homem dos lobos* (1914), em que ele insiste em provar a *realidade da cena originária*, acentua já o fato de que ela só é compreendida e interpretada pela criança a posteriori (*nachträglich*) e, inversamente, quando sublinha o que nela entra de fantasias retroativas (*Zurückphantasieren*), afirma que o real forneceu, pelo menos, índices (ruidos, coito animal, etc.). Além da discussão sobre as partes relativas do real e do fantasístico na cena originária, o que Freud parece ter em vista e querer sustentar, especialmente contra Jung, é a idéia de que esta cena pertence ao passado — ontogênico ou filogênico — do indivíduo e constitui um acontecimento que pode ser da ordem do mito, mas que já está presente, antes de qualquer significação introduzida a posteriori” (Laplanche & Pontalis, 2001)

da sedução”. O abandono da respectiva teoria sustentada entre os anos de 1895-97, acontecimento que deflagra um estágio fronteiro e crucial na teoria e clínica freudiana, é apontado por muitos estudiosos da psicanálise como “uma das condições para o estabelecimento da psicanálise como disciplina autônoma” (Monzani, 2014). Foi também o que levou Freud a fundamentar a noção de *fantasia* (*Phantasie*) associada a concepção de *realidade psíquica* (*Psychische Realität*).⁹ Antes utilizado no sentido corrente da língua alemã (fantasia ou imaginação), a *Phantasie* passou a ser um conceito psicanalítico a partir dessa renúncia de Freud a respectiva teoria que propunha uma etiologia bem peculiar para a histeria.¹⁰

Na teoria da sedução, a causa da histeria estaria relacionada a um trauma psíquico de infância causado por um *evento real* com conteúdos sexuais, a partir da sedução seguida de abuso por parte de um adulto ou mesmo por uma criança mais velha. No auge das formulações da respectiva teoria, Freud (1896) nos diz que “não são as experiências em si que agem de modo traumático, mas antes sua revivescência como lembrança depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual”. Esse caráter de lembrança, de imaginar e por isso sofrer com as cenas de abuso, seria o que Freud estaria designando nesse momento por *Phantasie*: lembrar, relembrar, imaginar, reviver, representar; algo forjado no sentido corrente do vocábulo alemão, não propriamente ainda como um conceito.¹¹

Os casos clínicos avançam e Freud constata a fragilidade de sua neurótica. Em alguns momentos decisivos, que podemos encontrar em cartas a Flies, vemos o avanço e derrocada da teoria da sedução e o surgimento paulatino do conceito psicanalítico de fantasia:

[Em 12/1886] "Parece-me cada vez mais que o aspecto essencial da histeria é que ela decorre da perversão por parte do abusador" (Masson J. M., 1986).

[Em 02/1897] "Infelizmente, meu próprio pai foi um desses perversos e é responsável pela histeria de meu irmão e de várias das irmãs mais moças. A frequência dessa situação, muitas vezes, causa-me estranheza" (Ibid.)

[Em 09/1897] "E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha *neurótica* [teoria da sedução]" (Ibid.)

⁹ Conforme destaca Monzani (2014), o abandono da “teoria da sedução”, “seria o momento privilegiado em que Freud adquire três noções-chaves através das quais vai poder articular o discurso psicanalítico: 1) a sexualidade infantil; 2) o complexo de Édipo; 3) o papel preponderante da fantasia como fator etiológico na formação das neuroses”.

¹⁰ Como destaca Manzi (2020): “Freud “abre mão” da teoria da sedução enquanto uma concepção de correspondência da fala com o que “realmente” aconteceu. Mas Freud não deixa de ser empírico: Freud é declaradamente um cientista e a verdade enquanto verificação não sai de seu horizonte de pensamento”

¹¹ Como nos diz Laplanche & Pontalis (2001): “Fantasia, em alemão: *Phantasie*. É o termo para designar a imaginação, não tanto a faculdade de imaginar” (o *Einbildungskraft* dos filósofos), mas o mundo imaginário e seus conteúdos, as “imaginações” ou “fantasias” em que se entrincheiram, habitualmente, o neurótico e o poeta”.

Três razões centrais convergem para a derrocada: (a) O insucesso no manejo e os resultados práticos dos tratamentos. (b) A hipótese insustentável de que haveria perversão e abuso generalizado por parte de adultos ou crianças mais velhas, uma vez que a histeria seria causada, como dissemos, por um abuso real vivido na infância (suspeita essa que Freud endereçava a seu próprio pai). E, por fim, e isso é o que nos interessa mais: (c) a impossibilidade de distinção entre verdade e ficção (invenção) nas reminiscências dos pacientes. Pois se o diagnóstico da histeria seria fruto de um evento real, para sustentar a respectiva teoria, os psicanalistas teriam de confiar que o paciente ou nunca mente, se equivoca ou nunca produz inventivamente um hipotético evento que por vezes pensa se tratar de um evento real.¹²

O último ponto, a impossibilidade de do lado do analista saber a distinção entre “o realmente acontecido” e o “ficcionalizado”, aponta para cerne das noções de *fantasia* e *realidade psíquica*, que Freud, nos anos posteriores, elabora. Em três textos – não só neles – podemos encontrar a fundamentação dessa articulação. Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911); na *Conferência XXIII das Conferências introdutórias de psicanálise* (1917); e no texto *Bate-se numa criança* (1919), texto este que gerou posteriormente um olhar mais acentuado de Lacan (1966/67).

A noção psicanalítica de fantasia desenvolvida por Freud – diferentemente do modo com que Lacan concebe conforme veremos – trata-se de algo imaginado, fantasiado, inventado, por um sujeito. Oposto a algo da ordem de um “acontecimento factual”. Essa ação de *fantasiar* ganha os contornos do que Freud denomina de *realidade psíquica*. Na *Conferência XXIII*, Freud nos diz:

Após alguma reflexão, compreendemos facilmente o que tanto nos confunde essa situação: é o menosprezo da realidade, a negligência da diferença entre ela e a fantasia. Ficamos tentados a nos ofender com o fato de o doente nos ter relatado histórias inventadas. *A realidade nos parece enormemente afastada da invenção*, e tem, entre nós, uma avaliação bem diferente. (Freud (1917) in *Obras completas*)

Freud explicitamente estabelece uma contraposição entre a *realidade psíquica* (subjativa) relatada pelos pacientes e uma suposta realidade material (objetiva). A segunda sendo da ordem do “acontecido factualmente” (com o perdão da redundância), e a primeira, a realidade psíquica, o terreno onde se insere o terreno da “invenção” forjada pelo desejo, das fantasias imaginadas: a realidade, portanto, subjativa, singular. Nessa perspectiva que Freud

¹² Em “Sedução e fantasia”, primeiro capítulo de *Freud, o movimento de um pensamento* de Luiz Roberto Monzani (2014), é possível encontrar os principais apontamentos acerca da derrocada da “Teoria da sedução” freudiana e as consequências para o projeto freudiano como um todo.

(1917) reafirma qual é a “realidade” que interessa a sua clínica: “pouco a pouco aprendemos que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a decisiva”.

Noutro lugar, ressaltando o mesmo aspecto de oposição entre “fantasiado” e “a realidade material”, Freud (1924) nos diz: “no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material”. Em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911), corroborando ainda com a questão do fantasiar inserida na oposição a um “referencial factual”, Freud demonstra que o ato de fantasiar, justamente, é a atividade que *não* se deixou dominar pelo “princípio de realidade”. O fantasiar se inicia com o livre brincar infantil e mais tarde prossegue no devanear do adulto.

Podemos dizer, também, que uma das maneiras possíveis para se referir a fantasia em sentido freudiano é a “pluralidade”: a fantasia pode ser tanto a cena recorrente de “uma criança batida”, encontrada em diversos casos clínicos analisados por Freud (1919), como “encenações fantasmagóricas, devaneios despertados, até mesmo delírios dos pacientes” (Tyszler, 2014). Além do traço plural e fictício da fantasia em Freud – expressão do foro íntimo – a construção se organiza em um roteiro imaginário, numa saída possível de estruturação do desejo do sujeito.

É preciso destacar que ao estabelecer uma relação de oposição entre algo da ordem de um “fato concreto” e uma “realidade psíquica”, sendo a última, como dissemos, o lócus do foro íntimo e imaginário onde se abrigaria as *Phantasievorstellungen*, Freud não está afirmando que haja algo como uma realidade “em si mesma”. Como nos indica Estêvão (2009), “a posição de Freud é ‘pós crítica’, de corte kantiano, característica de quase todas as ciências, segundo a qual só nos aproximamos da realidade”. Nesse sentido, cabe destacar, também, que Freud não fundamenta a rigor uma discussão ontológica acerca da questão “o que é a realidade?”. Aliás, a própria articulação da noção de realidade é feita de modo *indireto*, num contexto de interesses clínicos.

A elaboração de uma dicotomia entre o “ficcional” e o “acontecido factualmente” (uma dita “realidade material”) sustentada por Freud, despertam inegavelmente questionamentos mais amplos. Nesse sentido, Bernard Baas (2001) afirma que “os embaraços de Freud para determinar um *fundamento empírico* deixam perceber ao mesmo tempo a tentação e a resistência para com a ‘explicação transcendental’ [kantiana]. Mas isso pode ao mesmo tempo conduzir a uma revisão do conceito filosófico de ‘realidade’”.¹³

¹³ Segundo Baas (2001), a noção freudiana de “realidade psíquica” deveria ser questionada “a partir do conceito kantiano de transcendental, uma vez que ela levanta a questão das *condições de possibilidade da experiência*”. O autor articula essa reflexão a partir de um tríplice ponto de vista: “o do aparelho psíquico, de sua estrutura e da 7 – Conexão Letras, Porto Alegre, v. 18, n. 29, p. 01 - 30, jan-jul. 2023. E-ISSN 2594-8962.

1.2 O fracasso de um “teste de realidade” e a recolocação do problema do sujeito

Nessa direção, em *Ontologia sem espelhos: ensaio sobre a realidade*, Perez (et al., 2014) avança com uma discussão ampla acerca do estatuto da realidade e a implicação das teses psicanalíticas. O problema é evocado a partir da Filosofia Moderna até chegar ao problema da realidade discutido por Freud. Percorre-se sumariamente o problema dos objetos externos de Descartes a Kant, para em seguida avaliar a tentativa e fracasso de Freud em desenvolver um *teste de realidade*. Freud se autoimpôs uma necessidade teórica de elaborar um *teste de realidade*. Médico naturalista, ele precisou conceber um agente prático, o Eu, para distinguir a realidade interior de uma realidade exterior, a partir de conceitos psicanalíticos

Se, por um lado, a proposta de um “teste de realidade” fracassa, uma vez que os argumentos de Freud, como constata Perez (et al., 2014), “não se prestam a oferecer um definitivo critério de distinção entre percepção e memória”, por outro, a proposta freudiana aparece como possibilidade de reformulação do problema ontológico, uma vez que não se trata mais em Freud de um Eu-agente substancial ou de um sujeito dado a priori. Justamente, a partir das teses freudianas, podemos inscrever uma espécie de “recoo epistemológico”, em direção a condição de possibilidade da própria pergunta pela *realidade* e o *sujeito* implicado nela. E, principalmente, de qual sujeito se trata, pois não é do mesmo modo que se postula em algumas leituras da modernidade. Como destaca Giacoia (2001):

Tanto Freud quanto Nietzsche podem ser considerados como pensadores que implodem a noção substancial de subjetividade, identificada com a unidade da consciência: esta, elemento nuclear da metafísica da subjetividade, aparece então como uma ilusão superficial do sistema psíquico, inteiramente impregnada de historicidade, atravessada e comandada pela economia e dinâmica inconsciente das pulsões. Seja como unidade simples da consciência, como *res cogitans* ou como Vontade, o eu perde seu caráter de dado natural e de unidade autárquica da razão ou volição, não mais podendo ser considerado senhor em sua própria casa (Giacoia, 2001).

Lacan destaca esse ponto, também, em dois trechos:

Freud traz a ideia de um sujeito que funciona mais além. Desse sujeito em nós ele nos mostra os dispositivos e a ação. Uma coisa que deveria reter atenção aí é que esse sujeito – que introduz uma unidade oculta, secreta, naquilo que nos parece ser, no nível de uma experiência mais comum, nossa divisão profunda, nosso profundo enfeitiçamento, nossa profunda alienação em relação a nossos próprios motivos –, que esse sujeito é outro. (Lacan, 1957-58).

É na medida em que – quase coramos de ter que dizê-lo – que a partir de um certo momento, para nós depois de Freud, para Freud antes de nós, a questão do sujeito se coloca como tal, a saber, o que é que... o que está ali? O que é que funciona? Quem é que fala? (...) para resumir, saber bem quem é que fala, e a quem? (Lacan, 1960-61)

atividade inconsciente; o ponto de vista da obrigação moral; e o da experiência estética”. Sobre isso ver Estevão (2009)

O instanciamento da subjetividade apresentado pela psicanálise não se restringe ao Eu. *Eu* e *sujeito* não são mais termos que se recobrem. “Freud traz a ideia de um sujeito que funciona mais além”, como destaca Lacan. O sujeito na psicanálise não é restringido ao “Eu volitivo” ou a um “Eu como unidade mínima da identidade”, conforme destaca, também, Giacoia (2001) e Perez (et al.,2014).

Para nosso problema, isso significa dizer que no terreno ontológico não é a teoria freudiana que poderia oferecer, por mais que Freud sustente uma realidade material e objetiva em oposição às fantasias imaginarizadas, um critério seguro sobre o que é “realidade factual” e o que “fruto da imaginação e invenção” (interno-externo, percepção-memória); mas que a teoria inaugurada por ele recoloca o problema do sujeito e da singularidade noutra patamar e de um modo inaugural.

Desse modo, pensar em “constituição de realidade”, só é possível se questionado por quem está “se perguntado” por essa *realidade* e em quais *condições de enunciação*. É importante ainda lembrar que não se trata de negar os fatos de uma dada realidade em favor de um relativismo absoluto, mas de *não* reduzir os tais fatos a um único *sentido*. Aliás, é preciso admitir a partir da psicanálise o quanto se mostra frágil e claudicante o estatuto de “realidade” que pressupõem alguma integralidade. Ao contrário, o que se pode explorar a partir dela é o pressuposto de *não* redutibilidade de sentido, “o processo que a Psicanálise explora essencialmente”, para desse modo acolher as construções subjetivas.¹⁴

Em síntese, na medida em que avançamos com a noção de *fantasia* em Freud, os conceitos de “realidade”, “realidade psíquica”, “teste de realidade”, articulados pelo fundador da Psicanálise, são postos em cena. O problema da *fantasia* se imbrica, portanto, com o complexo problema acerca do que um sujeito sustenta como “realidade” e “verdade”, sendo a fantasia no sentido freudiano, um termo limite entre o registro daquilo que se inscreve como *imaginado*, em oposição a algo acontecido factualmente.¹⁵ De forma resumida, podemos destacar alguns eixos que orientam a leitura freudiana da fantasia, destacados por Manzi (2020), e brevemente discutidos por nós nas páginas anteriores:

¹⁴ “A *não* redutibilidade da significação na formação associativa (...) o processo que a Psicanálise explora essencialmente. O mais importante para nosso propósito é enfatizar o fato que esse processo de associação [entre significado e significante] não opera unicamente no nível gramatical – nível primariamente estudado por Saussure – mas também em nível semântico (...) ambos os níveis se cruzam constantemente e conduzem a associações que podem avançar em diversas direções”. (Laclau, 2014)

¹⁵ Sobre esse ponto, é importante salientar o apontamento de Coutinho Jorge (2010): “Na conferência introdutória ‘A dissecação da personalidade psíquica’, Freud já afirmara que a realidade é um território estrangeiro externo. E em seu texto tardio ‘Esboço de psicanálise’, no qual pretendeu resumir seu legado, dedicou uma seção inteira ao mundo externo e afirmou que a realidade permanecerá para sempre incognoscível”.

1)[a fantasia] seria uma espécie de compensação da prova de realidade; 2) também uma fuga da prova de realidade; 3) um processo psíquico que visaria a satisfação; 4) algo que poupa o sujeito de lidar com a realidade material; 5) conseqüentemente, há uma liberdade na fantasia por não seguir o que é da ordem do possível na realidade material. (Manzi, 2020)

1.3 As críticas ao conceito freudiano de fantasia

As críticas no interior da Psicanálise, sobretudo a lacaniana, acerca do conceito freudiano de fantasia – algo destacado pelo próprio Lacan (1967-68) – giram em torno de uma certa “prisão da fantasia” ao elemento imaginário. Tyszler (2014) questiona, também, o traço determinantemente psicogenético da construção da fantasia: Freud (1919) discorre sobre “fantasia originária”, em “tempos e gênese da fantasia”, vai insistir em “fantasias femininas e masculinas”; articuladas as nomenclaturas das matrizes epistemológicas hegemônicas do século XIX.

Do ponto de vista ontológico, e isso é determinante, Lacan *não* traça e tampouco privilegia uma discussão acerca da distinção empírica entre uma realidade factual em oposição a fantasia; algo da ordem do *não acontecido*, porém fantasiado de vários modos, em várias representações fantasiadas (*Phantasievorstellungen*) como podemos ler em Freud. Lacan (1969-70), inclusive, se pergunta pela validade do próprio questionamento. Ele nos diz: “Uma criança espancada [referindo-se ao Bate-se numa criança de Freud]. É precisamente uma proposição que constitui toda essa fantasia. Será que podemos vinculá-la ao que quer que se designe com os termos verdadeiro ou falso?”

A fantasia em sentido lacaniano, conforme abordaremos, não se trata de um artifício restrito ao caráter imaginário, numa relação de oposição a uma suposta “realidade factual e objetiva”. Como destaca Coutinho Jorge (2010), “em Lacan, há um *remanejamento* da divisão freudiana original entre realidade material (objetiva) e realidade psíquica (subjetiva), ressitando a primeira como eminentemente inapreensível. (...) Por Freud em suas abordagens sobre a realidade que Lacan constrói seu conceito de real”

De fato, a formulação de uma *lógica da fantasia* é a proposta verdadeiramente lacaniana acerca do problema ontológico autoimposto por Freud. Assim, opera-se uma reformulação estrutural de dissolução do caráter restrito ao imaginário da fantasia. Trata-se, ainda, de um abandono da noção freudiana de *realidade psíquica* como melhor instrumento de inscrição da fantasia, para estabelecer no epicentro do problema os registros real, simbólico e imaginário. Dois enunciados, logo na primeira lição do *Seminário 14*, indicam isso: (a) “não há outra entrada para o sujeito no real do que a fantasia” (b) “a fantasia enquadra a realidade e

as formações subjetivas”. Quer dizer, a fantasia é o que estrutura e suporta o que designamos por realidade ao passo que nos dá indícios do real.

Voltaremos a isso de modo mais detido mais adiante. Primeiro, comecemos por estabelecer os elementos dessa *lógica* estruturado no matema da fantasia $\$ \diamond a$.

2 Os elementos de uma lógica da fantasia

Lacan aborda a noção de *fantasia* em vários momentos do seu ensino tendo o matema $\$ \diamond a$ como elemento central. Citemos alguns: No *Seminário 5, formações do inconsciente* (1957-58) e no *Seminário 6, o desejo e sua interpretação* (1958-59), na medida em que estruturava o conhecido grafo do desejo; no *Seminário 9, a identificação* (1961-62) o matema da fantasia é invocado na relação com a temática da identidade e identificação. Anos depois, no *Seminário 14, a lógica da fantasia* (1967-68), Lacan retoma o matema articulando-o, principalmente, a duas junções fundamentais: (a) em primeiro lugar a fundamentação de uma lógica da fantasia torna-se a tônica de Lacan; mas é levado em conta necessariamente (b) a relação com o discurso e a linguagem, conseqüentemente, com a ordem significante e com a constituição subjetiva ordenadas pelos eixos RSI. Essa lógica proposta consiste na fundamentação paradigmática da infraestrutura relacional dos elementos nucleares do matema $\$ \diamond a$ que estruturam a *fantasia*.

2.1 O matema e a lógica da fantasia

Matema é um neologismo inventado por Lacan a partir do termo mítema do antropólogo Claude Levi Strauss em conjunção com a palavra grega *mathema*, que podemos traduzir por “conhecimento”. Temos, assim, o matema da fantasia, o matema dos quatro discursos, entre outros. O matema é apenas uma das vertentes formalista utilizado pelo psicanalista. Temos tantas outras, os grafos, a topologia ou os quantificadores modais da fórmula da sexuação.

Uma formalização condensa pontos estruturais e fornece uma inteligibilidade formal. Assim a lógica da fantasia é amarrada a estrutura mínima $\$ \diamond a$. Assim, podemos sustentar que as fantasias são plurais, mas "todas presas a uma álgebra", a um estatuto lógico, como diz o próprio Lacan (19667-68). Como afirma Tyszler (2014), por sua vez, “a lógica do fantasma [fantasia] é o trabalho de Lacan para tirar o fantasma [fantasia] de todas as fantasmagorias imaginárias e aí encontrar a sua lógica, no seio da língua e do corpo, em torno de sua noção de objeto. É um paradigma que é muito importante”.

Como articular sinteticamente os elementos que compõem o respectivo matema? Como ponto de partida, no início do *Seminário 14*, Lacan (1967-68) desmembra os elementos: $\$$ (*sujeito cindido*); \diamond (conector lógico punção); a (*objeto a*). O sujeito cindido em Lacan não é *a priori nem substancial* como se preconizou em algumas leituras da filosofia moderna, mas *efeito* da linguagem (Lacan, 1961-62). Que quer dizer posicionar o *sujeito* como *efeito* necessário da linguagem? Essa questão ampla se enlaça com a lógica da fantasia.

No matema, o *sujeito cindido* $\$$, marcado pela barra do corte, encontra-se simbolizado a esquerda numa relação *necessária* com o pequeno a , posicionado à direita do matema. Do ponto de vista lógico, essa relação nos mostra que não há sujeito sem a relação conjuntiva com o pequeno a , objeto causa do desejo e mais-de-gozar, comportando uma dupla face, a *sensível* e a de *operador lógico*. Para compor essa relação *necessária* entre o *sujeito cindido* e objeto a , Lacan ainda resgata o campo do Outro, como sendo central na estruturação da fantasia. Nas primeiras lições do *Seminário 14*, a partir de alguns enunciados e também se orientando por uma figura topológica, ele fundamenta a organização dessa articulação. É destacado o caráter lógico de seu aporte: “Essa representação é insuficiente, mas se a acompanharmos com o que ela suporta em lógica, ela pode servir. O que surge da relação do sujeito com o objeto define como um primeiro círculo, que em um outro círculo, aquele do Outro, vem recortar: o *objeto a* é a sua intersecção”.

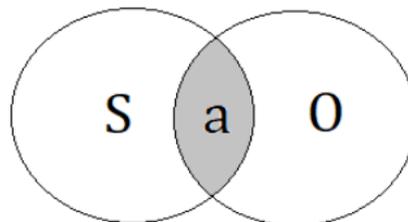


figura 1

A partir dessa figura topológica, como dissemos, alguns enunciados são desdobrados no *Seminário 14* e se tornam centrais para a construção da lógica da fantasia orientada pelo matema:

- [a] “o sujeito [em marcha continua] se constitui como uma relação de *falta* com esse a que é do campo do Outro”
- [b] [Em decorrência disso], “é essencialmente na representação de uma falha, enquanto ela corre, que se institui a estrutura fundamental (...) que temos chamado inicialmente o *tecido do desejo*. “
- [c] “O objeto a preenche precisamente a função que Frege distingue do *Sinn* e *Bedeutung*. A primeira *Bedeutung* [significado/referente], o objeto a , é o primeiro referente, a primeira realidade, a *Bedeutung* que permanece porque é, afinal, tudo o que resta do pensamento no fim de todos os discursos.”

[d] “a fantasia é a estrutura enquanto tal do significante”

De saída, Lacan elabora e conduz sua *lógica da fantasia* e concepção de subjetividade orientada pela *referência primeira* de uma falta estrutural: o *objeto a* enquanto ‘primeira direção’ (*a primeira Bedeutung*) – é o elemento irreduzível, sempre presente, logicamente inaugural, podemos dizer, das relações do sujeito com os objetos necessariamente mediados pela ordem significante. Lacan legítima e inscreve na lógica do matema a tese freudiana do desamparo e da falta estruturais, o furo real no simbólico. Inscreve na estruturação da subjetividade a incompletude. E, ainda, a falta de objeto pulsional: a falta no Outro. Assim, diz ele, o “primeiro referente” é o objeto *a*: o caráter negativo que estrutura a fantasia e o caráter parcial do movimento pulsional.¹⁶

Como afirma Coutinho Jorge & Ferreira (2005):

A parcialidade, como marca do objeto pulsional, faz com que Lacan afirme que o conceito de pulsão em Freud é marcado de ponta a ponta pela falta do objeto. O recurso para nomear esse objeto faltoso que tem como função acionar o desejo é recorrer à primeira letra do alfabeto: objeto *a*. Daí a famosa fórmula lacaniana sobre o desejo, em *O seminário 20: Mais ainda*: Eu te peço — o quê? — que recuses — o quê? — o que te ofereço — por quê — porque não é isso — isso, vocês sabem o que é, é o objeto *a*. (Jorge & Ferreira, 2005).

O sujeito barrado habita a realidade através da *falta* e o objeto *a* corresponde ao engendramento do significante (*prêt à le porter*) (Lacan (1967-68)). Como nos coloca, por sua vez, Kaufman (1996): “o sujeito se imagina suportar aquilo que vem para lhe preencher o furo, a falta estrutural, numa relação com os significantes: ‘a falta do Outro (é isto a fantasia)”. O conector lógico punção \diamond é o que estabelece relações de *implicação, junção/injunção e inclusão* na ordem significante. “O sujeito enquanto marcado pelo significante é propriamente, na fantasia, corte de *a*”.¹⁷ Disso resulta uma quarta proposição de Lacan (1967-68) de que “a fantasia é a estrutura enquanto tal do significante”,¹⁸ por justamente vetorizar o que aparece enquanto possibilidade significante para o sujeito. Lemos a

¹⁶ Como afirma Darmon (1994): “No matem do fantasma [fantasia], o sujeito $\$$ é articulado ao objeto e por esse corte. Essa fórmula pode ser lida da seguinte maneira: um sujeito é o efeito de um corte no Outro, que produziu a queda de um objeto *a*. Quer dizer que a repetição do significante da demanda que escava no Outro esse buraco, faz o contorno desse objeto *a*. E este constitui esse resto onde esse produto primordialmente perdido, verdadeira causa do desejo. Lacan levanta a lista desses objetos *a*: o seio, os excrementos, o pênis; mas também o olhar, a voz, o nada ... Tudo o que pode imaginariamente se recortar sobre o corpo é suscetível de ser transformado nele.

¹⁷ Como afirma Kaufman (1996): “se consideramos o algoritmo da fantasia $\$ \diamond a$, cabe dizer que a emergência do objeto na fantasia é correlativa de um *fading* do sujeito, isto é, de uma exclusão do sujeito determinada por sua dependência para com a ordem significante. (...) O sujeito enquanto marcado pelo significante é propriamente, no *fantasma*, corte de *a*”.

¹⁸ « Au rappel du rapport de cette structure du fantasme, que je vous aurai d’abord rappelée, à la structure, comme telle, du signifiant ». (Tradução nossa LACAN, 1966/67, p.3)

aproximação de Lacan do pequeno *a* com o *fading do significante* (aparecimento e desaparecimento) na relação com a fantasia no seguinte trecho:

Voltemos à nossa fantasia e ao *pequeno a* (...). É evidente que não podemos isolar sem seu correlativo do \$, porque a emergência da função do *objeto do desejo* como *pequeno a*, na fantasia, é correlativa dessa espécie de *fading*, de apagamento (...) como a exclusão determinada pela própria dependência do sujeito do uso do significante. (Lacan, 1961-62)

Numa relação *contingencial*, os significantes sustentados são efeitos do que ‘enquanto *a* é possibilidade’ para o sujeito, numa palavra, “é produto de *a*”. (Lacan, 1967-68). Como afirma Tyszler (2014), o pequeno *a* “demarca sua natureza de objeto de câmbio linguageiro, empuxa o sujeito a se voltar para uma realidade eletiva”. Desse modo, é um significante que aparece no lugar do objeto que falta. O objeto *a* é o operador lógico do laço que será no devir com as operações significantes. O objeto *a* lacaniano, “não é nenhum ser”, e se consoma como um objeto desmaterializado com valor lógico (Lacan, 1972-73), mas que “exerce atração estranha em toda a cadeia significante e, através disso, sem que nos apercebamos, em todas as nossas enunciações”. Quando “alguém toma a palavra, ele está cativo desse objeto, em todas as suas enunciações” (Tyszler, 2014).

Nessa lógica da fantasia arquitetada, por um lado, o objeto *a* é um operador lógico, como vínhamos demonstrando, e por outro, um elemento do *sensível*. É o que também nos sublinha Dunker (2016), ao afirmar haver duas facetas do objeto *a*, a “idealista” (lógica) e a “sensível” (objeto parcial). O autor tece ainda críticas a uma certa direção do lacanismo que só privilegiaria o objeto *a* em sua face de “operador lógico”, o que em certa medida seria negar o caráter pulsional em que ele também se inscreve.

Por fim, cabe ainda ressaltar mais uma vez, que o objeto *a* não se confunde com o “objeto materializado” ou com o objeto empírico do conhecimento, tal qual aparece, por exemplo, na formulação $S \rightarrow O$ (sujeito-objeto). Ao contrário, ao propor o matema da fantasia ($\$ \diamond a$) como eixo elementar de acesso à realidade subjetiva, Lacan problematiza e impõe consequências para se fundamentar as relações entre sujeito-realidade, linguagem-discurso, conforme havíamos afirmado.

2.2 Realidade estruturada pela fantasia: real e travessia

Após discutirmos brevemente os elementos do matema, voltemos a alguns enunciados lacanianos (1967-68) postos anteriormente: (a) “não há outra entrada para o sujeito no real do que a fantasia”. (b) “a fantasia enquadra a realidade e as formações subjetivas”.

Em Lacan a fantasia é condição de possibilidade para o que se consuma como realidade e o passaporte para o encontro com o real. Em que medida? Uma acepção lacaniana para o enodamento imaginário, simbólico e real (RSI), diz respeito aos registros inter-relacionados da condição subjetiva. “A explicação dos fatos, a completude dos sistemas de simbolização e a plenitude do Imaginário, se dissipam na emergência do real. Com Lacan (ao menos depois do *Seminário 5*) há uma diferença entre a realidade e o real” (Perez & Starnino, 2018). A noção de real em sentido lacaniano é aquilo que *não* se “inscreve simbólico e imaginariamente”, é aquilo que se apresenta enquanto condição de um pungente despedaçamento e rompimento da realidade imaginarizada (Zizek, 2006). Podemos dizer “que a realidade está dentro dos diferentes registros de determinação enquanto que o real é o que não se inscreve neles” (Perez & Starnino, 2018).¹⁹

Como afirma Coutinho Jorge & Ferreira (2005),

Para abordar R.S.I., nada melhor que começar pelas negativas: o real não é a realidade, o imaginário não é a imaginação, o simbólico não é uma simbólica. *A realidade é constituída por uma trama simbólico imaginária*, feita portanto de palavras e de imagens, ao passo que o real é precisamente aquilo que não pode ser representado nem por palavras nem por imagens: ao real falta representação psíquica. É através dos impasses encontrados por Freud em suas abordagens sobre a realidade que Lacan constrói seu conceito de real. (Coutinho & Ferreira, 2005).

O real da falta. O real da angústia. O real como non-sens, como “aquilo que não pode ser representado”, mas numa relação *necessária* com aquilo que é constituído, estruturado e suportado pela fantasia. O *real* aparece articulado com a fantasia, efeito da trama e da travessia. Sobre esse ponto, Zizek (2003) escreve:

A noção de Lacan de “*travessia da fantasia*” (...) pode parecer ajustar-se perfeitamente à ideia que geralmente se tem do que deveria fazer a psicanálise: é evidente que ela deveria nos libertar da influência das fantasias idiossincráticas e nos permitir enfrentar a realidade como ela realmente é! Mas isso é exatamente o que *não* faz parte das ideias de Lacan – ele deseja é quase exatamente o contrário. Na vida diária, estamos imersos na “realidade” (estruturada e suportada pela fantasia) e essa imersão é perturbada por sintomas que atestam o fato de que outro nível reprimido de nossa psique resiste a ela. “Atravessar a fantasia”, então, significa *identificar-se totalmente com a fantasia* – a saber, com a fantasia que estrutura o excesso que resiste à nossa imersão na realidade diária (Zizek, 2003, p.34).

O *excesso* que resiste da nossa imersão na realidade mundana é o elemento real acoplado à fantasia. Nesse sentido, *atravessar a fantasia* trata-se de “se haver com o real”, trata-se da exigência dessa relação mais íntima com esse núcleo real da fantasia que

¹⁹ Uma distinção mais precisa entre os conceitos de Real (*Réel*) e realidade (*réalité*) em Lacan foi articulado no capítulo primeiro do livro *Por que nos identificamos* (Perez & Starnino, 2018). No Seminário 22 - *R.S.I (Réel, symbolique et imaginaire)* (1974-1975) Lacan desenvolve pormenorizadamente este problema.

ultrapassa, excede os eixos SI (simbólico e imaginário). Interessante, pois se trata de um encontro com o real paradoxalmente fruto do desencontro. Ora, não há um programa de previsibilidade. Como afirma Boothby (2001), trata-se de “uma relação cada vez mais íntima com o núcleo real da fantasia que transcende a imaginação”

O real aparece no interior da trama posta e estruturada pela fantasia. A cólera e a angústia, por exemplo, a dimensão dos *afetos* de maneira ampla, são privilegiados por Lacan para demarcar os efeitos do real na estruturação da fantasia: o *excesso*, *resíduo* e *intensidade* que se repetem na trama. Os afetos como um “*verdadeiro toque do real*”.²⁰ No *Seminário 7* (1959-60), nos diz: “é muito difícil não perceber que um afeto fundamental como o da cólera não é senão isto: *o real* que chega no momento em que fizemos uma bela trama simbólica”. Tudo parecia “muito bem, a ordem, a lei, nosso mérito e nossa boa vontade... Apercebe-se de repente que as cavilhas não entram nos buraquinhos! (...) há uma tempestade, que faz agitar o mar. Toda a cólera, é fazer agitar o mar”.

Nesse sentido, segundo Zizek (2003), “uma fantasia é simultaneamente pacificadora, desarmadora (pois nos oferece um cenário imaginário que nos dá condição de suportar o abismo do desejo do Outro) e destruidora, perturbadora, inassimilável na nossa realidade”. É justamente preciso conquistar esse discernimento “daquilo que percebemos como ficção, o núcleo duro do real que só temos condições de suportar se o transformarmos em ficção”. Nesse ponto, se aproximando das categorias lacanianas, Zizek cunha o termo *efeitos do real*:

“Esse “efeito do real” não é a mesma coisa a que Roland Barthes, nos idos da década de 1960, deu o nome de *l’effet du réel*: pelo contrário, é exatamente o contrário: *l’effet de l’irréel*. Ou seja, ao contrário do *effet du réel* barthesiano, em que o texto nos leva a aceitar como “real” seu produto ficcional, neste caso o próprio real, para se manter, tem de ser visto como um irreal espectro de pesadelo. Geralmente dizemos que não se deve tomar ficção por realidade – lembremo-nos das doxas pós-modernas segundo as quais a “realidade” é um produto do discurso, uma ficção simbólica que erroneamente percebemos como entidade autônoma real” (Zizek, 2003).

As histórias imaginadas, vividas ou inventadas, os roteiros e discursos produzidos que nos alienamos e nos alimentamos cotidianamente na relação de imposição na cultura e ideologia, acordados ou sonhando; nosso lugar no mundo, família, trabalho, tribo, as identificações, a posição sexual, a identificação ou não com esse, aquele ou nenhum gênero, significantes etc., compõem o que com Lacan designamos de construção de *realidade*

²⁰ “o afeto, digo, por não encontrar alojamento, pelo menos não alojamento a seu gosto. Chama-se a isso morosidade, mau humor também. Será isso um pecado, um grão de loucura, ou um verdadeiro toque do real (*une vraie touche du réel*)? (LACAN, 1974). Sobre uma discussão mais ampla sobre a noção de afeto em Lacan ver STARNINO, A. *Les affects son effets : Para pensar a noção afeto em Jacques Lacan*. (UNICAMP, 2019)

suportada e estruturada pela fantasia e não uma entidade autônoma do real, como destaca Zizek. A fantasia constitui a realidade do sujeito ao passo que o defende do núcleo duro do real que precisa ser transformado para ser suportado. No horizonte clínico, abordado a seguir, essa tônica se torna mais bem compreendida a partir de casos específicos e de algumas formalizações lacanianas que evocamos.

Em conclusão, podemos dizer que a fantasia em Lacan é aquilo que faz a mediação do encontro do sujeito com o real, na mesma medida que promove alguma estabilização do sujeito com determinado *objeto a*, cooptando assim o desejo não a um objeto, mas a própria fantasia.²¹ O contorno preciso da relação entre real e realidade podemos vislumbrar no quadro a *Luneta de aproximação*, de Renne Magritte. Na janela entreaberta, a escuridão e o vazio que demarca o núcleo do real que se inscreve na própria janela emoldurada com a bela paisagem construída “invocando aos céus” (Ibid.). Quer dizer, o real não está além da fantasia, mas está relacionado a ela: “a fantasia é uma janela para o real”. (Lacan, 1967a)



figura 2

3 A lógica da fantasia entre a clínica e o social

O horizonte da fantasia, eu lhes tinha dito, de início, é muito interessante de trabalhar, é igualmente nosso momento social. Falando da fantasia em clínica, falamos de nossa própria angústia em face da nossa posição como mulher, como homem, em face das nossas crianças, em face dos nossos amigos. É assim que é interessante dizer o inconsciente é o social, senão ...
Tyszler, 2014

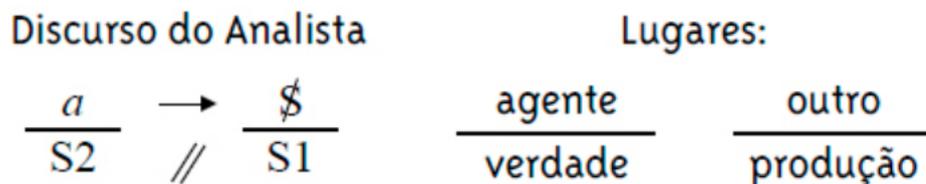
A noção de fantasia nem para Freud nem para Lacan pode ser considerada como um conceito fundamental. Mas, em nenhuma medida é periférico no dispositivo teórico,

²¹ Sobre isso ver Coutinho Jorge (2010) : “É nesse sentido que a fantasia constitui uma janela para o real. (...) É também por isso que Moustapha Safouan assinala que a função da fantasia é a de situar o desejo do sujeito, pois o desejo tem essa propriedade de ser fixado, cooptado não a um objeto, mas essencialmente à fantasia.”

sobretudo no que remete à proposta clínica de ambos os autores. Em Freud, como discutido anteriormente, já nos primórdios da constituição da psicanálise como disciplina autônoma, é estruturada a centralidade da fantasia como fator etiológico na constituição das neuroses (Monzani, 2014). Por parte de Lacan, como se sabe, em seu décimo primeiro seminário, são designados quatro conceitos como sendo fundamentais : o inconsciente, a pulsão, a repetição e a transferência. No entanto, poderiam ser consideradas secundárias algumas noções lacanianas como “travessia da fantasia” (1964) ou mesmo a designação de que “o valor da Psicanálise está em operar sobre as fantasias” (1967)? Essas formulações assumem expressiva importância teórica, justamente, na medida em que se orientam a partir de uma *lógica da fantasia* articulada ao trabalho clínico e aos processos subjetivos inscritos socialmente, *não* exatamente a partir de uma discussão estritamente ontológica.

3.1 Suporte, semblante e a lógica da fantasia no discurso do analista

Basta lembrarmos da posição de “semblante” e “suporte” da fantasia inscrita pelo objeto pequeno *a*, no lugar de agente pelo *discurso do analista* proposto por Lacan (1969-70). Lembremos que o discurso do analista postula o matema da fantasia – e isso é determinante – às avessas: $a \diamond \$$. Nesse discurso, o *agente* é o analista na posição de objeto se dirigindo a um sujeito.



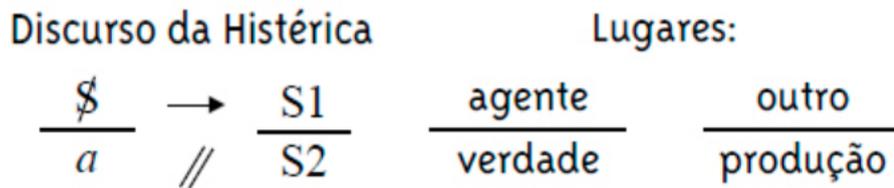
Primeiramente, suporte de que? Da realidade estruturada pela fantasia comungada na relação transferencial: “Se há algo que a experiência analítica nos ensina, é justamente o que se refere ao mundo da fantasia”, afirma Lacan (1969-70). Noutro trecho, nos diz:

Para o analisante que está ali, no \$, o conteúdo e seu saber. A gente está ali *para conseguir que ele saiba tudo o que não sabe, sabendo-o contudo*. O inconsciente é isso. Para o *psicanalista*, o conteúdo latente está do outro lado, em S¹. Para ele, o conteúdo latente é a interpretação que vai fazer, na medida em que esta não é aquele saber que descobrimos no sujeito, mas o que se lhe acrescenta para dar-lhe um sentido. Esta observação poderia ser útil a alguns psicanalistas (Lacan, 1969-70)

O analista na posição de agente (*a*) opera como suporte das fantasias, suporte da “realidade alheia”, trazida pelo analisante, que por sua vez ocupa a posição do outro (\$). Nesse “suportar” se coloca em jogo o atravessamento que pode possibilitar a produção de

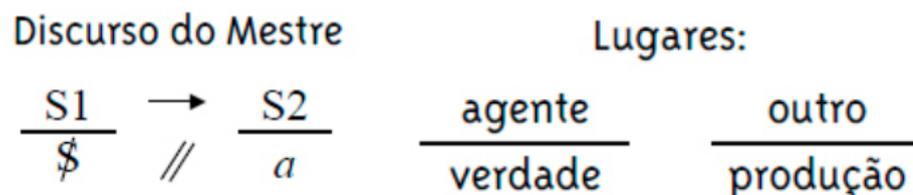
significantes mestres (S¹), que via associação livre encontram a demarcação e pontuação do analista em forma de mensagem invertida. Silêncio, uma escansão, interrogação, um ponto final provisório, e assim por diante, nos desígnios da transferência. O lugar da verdade (S²), o *suposto saber* do analista, efeito da própria estrutura da cena analítica, completa o agenciamento que se constrói no discurso do analista. A transferência e o ato analítico é o que propriamente produz e o que sustenta esse “saber” suposto.

“O que o analista institui?”, se pergunta Lacan (1969-70). “É a histericização do discurso”, responde. Segundo ele, é determinante que a *fala* do analisante atinja a dimensão do discurso *da histeria*, quer dizer, que esse discurso se histericize na direção do analista na busca de respostas para as angústias vividas, para o sofrimento, para impossibilidade de injunções de gozo etc, em forma de “demanda de algo”.



Como diz Soler (1989), “pedir uma psicanálise é fazer uma demanda a partir do sofrimento, a partir daquilo que não se tem. Evidentemente, não importa que pedido, se faz uma demanda ao sujeito suposto saber”. A falta, portanto, inscrita no lugar da *verdade* e do pequeno *a* no discurso da histeria, é causa do roteiro da fantasia, põem em cena a demanda na direção do suposto saber: “O que quero?”; “Por que sofro?”; “Porque repito isso?”

Mas, atenção, do ponto de agenciamento do analista, a fala quando agenciada *não* é na direção ao atendimento ou resposta à demanda do analisante via *discurso do mestre*. Ora, do lado do analista se faz o semblante e suporta, não se é “o próprio objeto da falta”, é o lugar da promoção da articulação, não do “mestre” que dá destino a essa falta que lhe é dirigida.



É o exato *avesso* disso. É no *su-portar* das fantasias via *discurso do analista* que se reconstroem, se dissipam, se rearranjam as possibilidades do ato analítico. Justamente, como diz Lacan (1969-70) “em seu ponto de partida fundamental, o discurso do mestre *exclui a*

relação transferencial, o analista “habita” o roteiro de fantasia que lhe é endereçado, faz poesia da letra alheia: po(a)te.

Cabe destacar, que o *desejo de analista* não é grande coisa nos diz Lacan (1969-70). É uma espécie de desejo advertido que se sustenta numa função que o analista abre mão em alguma medida do seu ser, como dissemos. Quanto mais interessado em seu ser, em sua realidade, podemos dizer, menos seguro e mais afastado está de sua ação como analista na operação da fantasia que vem do “lado de lá”. Por isso dizemos que a situação que se estrutura na cena analítica, coloca o analista como suporte, na posição de objeto, como semblante na posição de ouvinte de um discurso que ele autoriza pela demanda por *associação livre*: “O analista diz àquele que esse está para começar - Vamos lá, diga qualquer coisa, vai ser maravilhoso. É ele que o analista institui como sujeito suposto saber” (Lacan, 1969-70).

Em suma, a lógica da fantasia acoplada ao *discurso do analista* demarca de saída a incidência do social na dimensão da duplicidade dos lugares (analista/analizando), emplacada pela transferência, sendo o agenciamento do lado do analista delimitado pela posição de objeto condicionado a uma ética do desejo. Objeto pequeno *a*. Objeto duplamente qualificável. De suporte da fantasia e de descarte no fim de análise. A função de analista cai quando não mais se fornece algum suporte. O endereçamento não é mais suportável pelo sujeito que outrora demandava o suposto saber. Cai a função do analista se bem atravessada a fantasia, destitui o suposto saber do analista possibilitando a inscrição da falta, convocação ao que causa desejo.²⁴ Mas não é só isso.

3.2 Thomas, você vê tudo numa tela? Janela para o real e o grafo

Voltemos ainda mais uma vez a dois enunciados lacanianos: “a fantasia é uma janela para o real” e o “valor da psicanálise é operar sobre as fantasias”.

Lacan (1964) nos diz:

“Na medida em que a fantasia nunca é mais do que a *tela* que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição – aí está o que precisamos demarcar agora”

Sublinhamos esse significante *tela* e entramos nisso a partir de uma vinheta: Ada Shelby, da gangue *Peaky Blinders*, faz a seguinte pergunta a seu irmão: “Você sente isso ou vê

²⁴ “O fim da análise é, a saber, a desigualdade do sujeito a toda subjetivação possível de sua realidade sexual e a exigência de que, para que esta verdade apareça, o psicanalista já seja a representação do que mascara, obtura, tampona essa verdade, e que se chama o objeto *a*” (LACAN, 1967-68).

tudo como se fosse uma tela?”. Ada toma a mão de seu irmão e líder da gangue, Thomas Shelby, e fitando-o com os olhos diz que “ele não sente as coisas”. “Você sente isso?”, questiona. Interessante esse trecho por alguns motivos. Primeiro pelo fato de apontar para o cerne da questão da fantasia endossada por Lacan: a impossibilidade de o sujeito sentir e viver senão a partir de um roteiro suportado e estruturado pela fantasia. Ada fala “como se” houvesse um modo que *não* fosse engendrado por uma tela; um enquadramento que organizasse a realidade singular.

A “tela” do personagem Thomas Shelby é produto da vivência como soldado da grande guerra, pela sua condição de cigano, pelo pai que nunca foi um pai, pela condição de gangster. Vemos um pouco disso nos sonhos contínuos do personagem. As fantasias fundamentais de Shelby fornecem as lentes dessa tela que o afastam desse “sentir como a irmã”, numa certa frieza indelével apresentada. Na cena a irmã parece fazer esse apelo: “veja como eu vejo, sinta como eu sinto”. Justamente, a partir também de seu enquadre. É de sua tela que ela o convoca, o que provoca o mal-entendido e o mal-estar entre ambos.

O *mal-entendido*, esse trauma visceral instaurado na realidade humana e estruturante na lógica dos corpos sexuados, discutido mais detidamente por Lacan (1980) pouco antes de morrer, é algo vivenciado nas relações e vínculos, e denotam o hiato presente nos impasses entre realidades singulares distintas que são ecoadas na teia enlaçada pela linguagem. É assim nas identificações e projetos políticos. Na pólis ou na relação com um dado sujeito numa sessão de análise, ou na transmissão teórica, e assim por diante. É o *mal-entendido* e a falta de estabilidade nos laços que imperam, não a unidade e estabilidade, mas o *mal-estar* contínuo. Lacan (1980) nos confessava, pouco antes de sua morte: “sou um traumatizado pelo mal-entendido. Como não me acostumo com ele, canso-me tentando dissolvê-lo. E assim, termino por alimentá-lo”.

“Ele nunca me entende!”. “Acho que ele quis dizer isso”; “Pensou aquilo, óbvio”; “Só pode estar falando de mim” (a mais paranoica) – demarcam a não reciprocidade entre a realidade que se compartilha a dois ou a vários; entre o que se achou dizer, o que se compreendeu, o que se afetou. Mal nos entendemos. Mas queremos saber! Sobre nós, sobre o outro, sobre nosso sofrimento. O imperativo é esse. “Será que foi isso mesmo?” “Eu entendi bem?” “Você me entende?” “Será que é por isso que sofro?” Em análise – e não só nela – ouvimos isso o tempo todo. Certo traço paranoico de sanha pelo conhecer, preso nas entranhas do imaginário, é apresentado por Lacan como elemento constitutivo do ente humano, já em seus primeiros estudos sobre a paranóia.

A impossibilidade da satisfação plena com o saber ou com qualquer outra atividade humana, a insatisfação contínua e os graus que isso toma o sujeito – o inferno da demanda²⁵ – coagem o roteiro da fantasia em destinos e demandas que se inscrevem em modos de gozo e repetição. *Tudo isso demarca o toque do real enodado à fantasia.*

O paciente B dizia: “eu não me dou muito bem com a frase: estou satisfeito. O máximo que posso dizer é que não está tão ruim assim aqui (se referindo ao relacionamento atual em contraste com o relacionamento que poderia viver)”. Sim, a fantasia só pode se estabelecer na estrutura de uma frase, na guarida de significantes.²⁶ Havia em B um contraste entre o atual vivido e o virtual projetado pela tela de uma fantasia amorosa hollywoodiana e vindoura, toda idealizada, na nuance que o permitia, pela riqueza das posições ocupadas na cena fantasmagórica (ativo/passivo, espectador/o próprio espetáculo, sádico/masquista etc). Nesse caso como *objeto espectador* passivo de sua própria e futura fantasia a ser ou não realmente vivida, num mundo em que “ali, sim, eu seria feliz”, dizia na mesma toada que sofria e se imobilizava, diante da distância de realização do que sua cena enunciava.

Nossa condição de sujeitos de desejo, permite com que, por vezes, nos livremos das piores situações possíveis, relacionamentos abusivos, coerções e forma de gozo mortíferas, sintomas – manifestações do real que se impõem – pela ficcionalização do futuro, continuamente, colocando o desejo em causa e no roteiro da fantasia. Mas, esse projetar-se contínuo via fantasia nunca é livre da produção e repetição sintomática, da falta estrutural, ou pior. No caso de B, as fantasias se revelavam sempre longínquas, inalcançáveis, na posição de objeto delas, B obtinha seu gozo parasitário.

O grafo do desejo procura dispor esses percursos de maneira primorosa:

²⁵ Sobre isso, ver *O grado desejo* de Alfredo Eidelsztein (2017)

²⁶ Como afirma Milner (2010), “o fato de a psicanálise ter podido, sem ser diretamente desmentida pelos dados, impor ao seu modelo teórico uma coação do tipo *toda fantasia tem a estrutura de uma frase* supõe, pois, uma analogia estrutural profunda”

discurso e o sentido dele. Sentido de quem sente, se afeta com o dito e afeta quem escuta. Sentido não univocamente. Sentido dos significantes que retroativamente se agenciam numa significação e que em análise recebem a intervenção do analista. Inclusive com o que parece *não* fazer sentido. Ou o que repentinamente aparece, no meio daquilo que era absolutamente certo, sentido, assumido, próprio. O grafo mostra esse duplo eco de percurso que a relação transferencial agencia entre o gozo e o desejo.

No registro da transmissão teórica as coisas operam de maneira semelhante no que tange ao registro do impossível. O quanto o transmitir algo tensiona com o impossível, o incompleto, o parcial, o mal-entendido em ato. E mais tantas outras coisas. Lacan tentava formalizar. Esquemas, grafos, toros, nós etc. Insaciável. Terminou, como ele diz, por alimentar o *mal-entendido*.

A própria totalidade é uma fantasia em forma de ilusão que visa a negação do furo, a falha. Ilusão imaginária de que o Outro pode me compreender integralmente ou que se possa transmitir sem prejuízo, completamente. A ilusão do todo, da *totalidade*. A fantasia faz barreira a esse real da castração, o grafo também nos conta isso. Sempre há a falta. O que resta é sempre a falta irreduzível, inscrita no pequeno *a* : “primeira *Bedeutung* (*significado/referente*), o primeiro referente, a primeira realidade, a *Bedeutung* que permanece porque é, afinal, tudo o que *resta* do pensamento no fim de todos os discursos”, afirma Lacan (1968-69).

A *travessia da fantasia* em análise inevitavelmente nos leva para esse real da falta estrutural que insistentemente se inscreve. Por isso Lacan enunciou que “a fantasia é uma janela para o real”. Uma acepção possível do termo *travessia da fantasia*²⁷, é justamente esse contato íntimo que via elaboração analítica ultrapassa o reduto imaginário da completude, da identidade de si e das coisas, das certezas irrevogáveis e nos coloca em contato com o núcleo real da fantasia a ponto de suportá-la ou não.

Nessa direção, Soler nos diz:

O Real que leva à análise é aquele que toma forma de um tormento, que não lhe deixa em repouso. Vocês vêem que coloco sempre no plural/falando do Real da ciência, da psicanálise, da entrada na psicanálise, do Real da saída. Então é um Real plural. Lacan mesmo disse: do Real nós só temos pedaços, isto quer dizer que o Real do qual nós falamos é já um, Real elaborado, não é um Real dentro de toda

²⁷ Conforme já dito, neste artigo não trabalhamos detidamente a ideia, atribuída a Lacan, de que o fim da análise é a consumação da *travessia da fantasia*. “Atravessamento” e “travessia” aqui é trabalhado no sentido daquilo que todo processo de análise proporciona via associação livre, isto é, a travessia da fantasia - as conscientes ou inconscientes - e a relação com o que Lacan (1967a) denomina de “janela para o real”. Acerca de uma discussão crítica a noção de travessia da fantasia como fim de análise, remetemos o leitor a *Desler Lacan* de Ricardo Goldenberg (2019).

elaboração, é já um Real tomado na elaboração simbólica. É um Real além da própria realidade. (Soler, 1989)

O movimento da análise enlaça os registros real, simbólico e imaginário no atravessamento da fantasia. Importante dizer que isso não é dado de imediato. Atravessamento significa ir na direção das fantasias, não necessariamente conscientes, que o percurso analítico permite algum suporte:

[A análise é] o momento em que analista e analisante exploram o desfiladeiro imaginário através da fábrica de sentidos que é a associação livre. (...) Neste percurso ocorrem momentos de surpresa, provocados pelos "efeitos de sentido" pelos "efeitos terapêuticos" em que o Real se impõe. (Soler, 1987).

Assim podemos formalizar a travessia e movimento do processo analítico de dupla implicação (bicondicional: real ↔ realidade) que se organiza no “operar sobre a fantasia” (\$ ◇ a):

$$\frac{\$ \diamond a}{\text{real} \leftrightarrow \text{realidade}}$$

figura 3

O trecho abaixo, do *Seminário 3* de Lacan, parece ser uma boa forma de conclusão desta secção:

Ser psicanalista é simplesmente abrir os olhos para essa evidência de que não há nada mais *desbaratado* que a realidade humana. Se vocês creem ter um Eu bem adaptado, razoável, que sabe navegar, reconhecer o que tem de ser feito e o que não tem de ser feito, levar em conta as realidades, não resta senão mandá-los para longe daqui. A psicanálise, nisso se juntando a experiência comum, mostra-lhes que não há nada mais estúpido que um destino humano, ou seja, que sempre se é passado para trás.

Mesmo quando se faz alguma coisa que dá certo, não é justamente o que se queria. Não há nada mais desiludido que um senhor que chega supostamente ao cúmulo de seus votos, basta falar três minutos com ele, francamente, como talvez só o artifício do divã psicanalítico o permite, para saber que, no fim de contas, esse lance é justamente o lance de que ele zomba, e que ele está, além disso, particularmente enfasiado com todas as espécies de coisas.

A análise é perceber isso, e levá-lo em conta. Não é por acaso, porque isso poderia ser de outro modo, que por uma sina estranha atravessemos a vida sem encontrar ninguém que não seja infelizes. Dizemos para nós mesmos que as pessoas felizes devem estar em alguma parte. Pois bem, se vocês não tiram isso da cabeça, é que não compreenderam nada da psicanálise. Eis o que chama levar as coisas a sério. Quando eu lhes disse que era preciso levar as coisas a sério, e para que vocês justamente esse fato que vocês nunca levam a sério.

Considerações finais: Uma lógica extima

Que lógica, afinal, se apresenta na fantasia? O que Lacan nos apresenta como fundamento dessa lógica só adquire valor clínico e teórico à luz da relação com o que denominamos de “social”, “cultura”, “discurso”, “linguagem”, “ideologia”, e tudo a que isso tensiona. As fantasias se produzem, é redundante dizer, socialmente. Trata-se de uma lógica que aponta para a estruturação e suporte da realidade singular, mas que se precipita no Outro.

Uma lógica de vocação *extima*, portanto.²⁸ Que convoca de "fora pra dentro" do “Outro ao Um”. Quer dizer, o “Outro no coração do sujeito”, algo bem representado por Lacan pela junção de dois toros (sujeito e Outro) no *Seminário IX*.

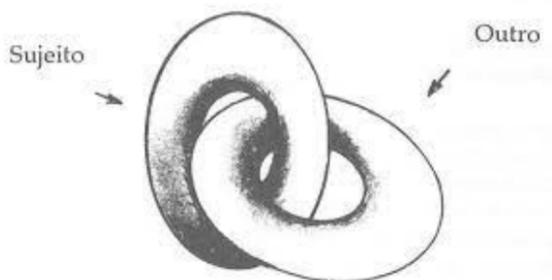


figura 4

Uma *lógica extima* em que o sujeito se constitui e se reconstitui continuamente, na trama simbólica, imaginária e real a partir dos efeitos dessas convocações, em regimes de sentido que impõem uma direção estruturada pela fantasia. A relação entre as composições e configurações da ordem da ação e do discurso, produção de subjetividades, aparecem por efeito necessário dessa conjunção.

George Orwell escreve na primeira página de *Na pior em Paris e Londres* (2006): “Eu desenho essa cena, para transmitir algo do espírito da rue du Coq d’Or”. No relato das vinhetas sociais algo se revela. Elas aparecem junto dos grandes significantes que se repetem formando práticas e discursos hegemônicos, e por isso podem ser denominadas de “fantasias sociais”. Tyzsler (2014) nos aponta para esse dado:

O horizonte da fantasia, eu lhes tinha dito, de início, é muito interessante de trabalhar, é igualmente nosso momento social. Falando do fantasma em clínica, falamos de nossa própria angústia em face da nossa posição como mulher, como homem, em face das nossas crianças, em face dos nossos amigos. É assim que é interessante dizer o inconsciente é o social, senão... (Tyzsler, 2014).

²⁸*Extimidade*, *extimo*, são neologismos para articular a paradoxal “conjugação do *íntimo* com o *externo*”, ‘exterioridade íntima’, que Lacan utiliza, dentre outros seminários, no *Seminário 7* e *Seminário 16*.

“Isso sim é ser um bom pai”; “Trabalhe”; “Produza”; “Eu mereço... eles, não”; “Mulher é isso”, “Homem é aquilo”. “Isso sim é um corpo ideal”; “Esse corpo não é meu”; “Identifico-me com isso ou com aquilo”, e por aí vai. Além de serem variados e instanciados socialmente, em disputa política contínua, os “elementos convocantes”, por assim dizer, estão abertos à composições que não podem ser reduzidas a um único sentido e significação: numa relação de *não* determinação objetivante, mas sim de mal-entendidos subjetivantes. Assim, o sujeito se encontra como *Um achado no Outro*; se descobre, se reconhece ou não no discurso que o convoca. O mais *interior* é no mesmo íntimo o mais *exterior*: uma *êxtimidade*. A lógica da fantasia não diz respeito a um sujeito como unidade e dado a priori, mas descentrado, produzido nessa convocação em que decididamente não se opera qualquer forma de idílio.

Tratando-se da clínica, as várias formas de inscrição do sofrimento, e isso não é nenhuma novidade, são produzidas nesse entremeio sinuoso das relações entre o singular e o coletivo, do sujeito em cultura marcado por questões políticas que marcam as várias formas de inscrição dos saberes. Assim como, também, a gestão ideológica desse sofrimento,²⁹ o que continuamente impõem uma coordenada e problematização ética à prática clínica inscrita no seu tempo, em forma de resposta à falta e ao desamparo estruturais. Birman (2005) nos destaca esse ponto:

As subjetividades demandam ainda uma cura para o desamparo e o mal-estar. A ilusão continua lá, intacta, nos corações e nas mentes dos indivíduos. Por isso mesmo, a psicofarmacologia, as neurociências e o cognitivismo vêm à cena para restabelecer a mesma crença e a ilusão das subjetividades, de que tudo isso seria ainda possível. Esses saberes, com suas tecnologias específicas, vêm ao mundo para fazer a mesma promessa e alimentar a mesma ilusão de harmonia possível, como acreditava ainda o primeiro Freud.³⁰ Tanto como este, tudo seria possível em nome da razão científica. (Birman, 2005)

Através das fantasias socialmente articuladas, o sujeito é convocado a dar “destino”, a gerir o desamparo e a falta estruturais, a gerir o sofrimento, na gestão constante e interminável por alguma sutura, costura, remendo, sempre mal-acabado, mal-entendido. O conflito e desarranjo é vivido pelo sujeito no mundo de tal modo que vigora a *impossibilidade* de se deslocar da posição originária de desamparo. Por isso mesmo refém do arranjo imaginário e

²⁹ Os trabalhos de Birman (2001), *Mal estar na atualidade* e Safatle et (al. 2022), *Neoliberalismo e gestão do sofrimento*, abordam questões importantes relacionadas a esse tema.

³⁰ Como destaca Birman (2005): “Podemos afirmar que Mal-estar na civilização é uma crítica sistemática dos pressupostos freudianos iniciais, sustentados na ‘Moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa dos tempos modernos”, quando Freud acreditava ainda na harmonia entre a pulsão e a civilização. Com o desamparo originário do sujeito, tudo isso se tornou insustentável e uma outra leitura da inscrição do sujeito na civilização se tornou, então, possível (...) Em resumo: o discurso freudiano não sustenta mais a crença na idéia de “progresso do espírito humano”, pela mediação do logos científico. O desamparo do sujeito seria o contraponto permanente à ideologia do progresso e ao cientificismo iluminista”

ilusório da completude de cessamento da falta em forma de promessa desse ou daquele saber ou discurso.

É o real, em sentido lacaniano, que vigora e tonifica a lógica da fantasia proposta, por mais paradoxal que isso pareça. A reformulação estrutural de dissolução do caráter restrito ao imaginário da fantasia, efeitos de uma problematização ontológica, além do compromisso irrevogável que vem da clínica, levam Lacan a situar a fantasia na relação com os eixos real simbólico e imaginário, tal qual procuramos demarcar. A partir disso, noutra lugar, pretendemos avançar com uma série de questões concernentes a clínica contemporânea e a amarração constitutiva das diversas formas de produção das subjetividades.

Referências

- ABREU, T.; D'AGORD, M. R. L. *O "fantasme" em Jacques Lacan, o Intraduzível em questão*. Trivium: Estudos Interdisciplinares, 2021.
- BAAS, Bernard, *Freud, a realidade psíquica e a tentação do transcendental*. Revista *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, pp. 9-23.
- BIRMAN, J. *O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social*. Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2005
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001
- BOOTHBY R. *Freud as Philosopher*. Nova Iorque, Routledge, 2001
- COUTINHO JORGE, M. A. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010
- COUTINHO JORGE, M. A.; FERREIRA, N. P. *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- CASSIN, B. "Apresentação da 1ª edição francesa do Vocabulaire Européen des Philosophies" In: Cassin B., Santoro F., Buarque L. *Dicionário dos Intraduzíveis*. (pp. 16-21). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- DARMON, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994
- DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento, sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.
- DUNKER, C. I. L. *Comunicação Oral: As Meninas* de Velásquez e a teoria do fantasma como crítica da representação. São Paulo: IP-USP, mar/2016 (Ver completo em <https://youtube.com/watch?v=UwAyuNk8tX4>, acessado pela última vez em 16/03/2023).
- ESTEVÃO, I. R. *A realidade, entre Freud e Lacan*, TESE: IP/USP, 2009
- FREUD, S. *Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999–2021.
- FREUD, S. *A negação* (1925), São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- EIDELSZTEIN, A. *O Grafo do desejo*. São Paulo: Toro, 2017
- GIACOIA O. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.
- GOLDENBERG, R. *Desler Lacan*. São Paulo: Editora Langage, 2019
- KAUFMAN P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996
- LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957–1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

- LACAN, J. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (1958–1959). Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959–1960). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. *Séminaire 9: L'identification* (1961–1962). Disponível em: <http://staferla.free.fr/>.
- LACAN, J. *Séminaire 14: La logique du fantasme* (1967–1968). Disponível em: <http://staferla.free.fr/>.
- LACAN, J. *Séminaire 15: L'Acte* (1967–1968). Disponível em: <http://staferla.free.fr/>.
- LACAN, J. “Alocução sobre as psicoses da criança” (1967) in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003
- LACAN, J. “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (1967a) in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003
- LACAN, J. *O seminário 17. O avesso da psicanálise.* (1969–1970) Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972–1973). Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- LACAN, J. *Conférence de Louvain.*(1972). La Cause Du Désir, p. 7-30, 2017
- LACAN, J. *A televisão* (1974). Ed. Zahar, 1993
- LACAN, J. *Mal-entendido*. Ornicar, 1980
- LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise – 2º ed.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LACLAU, E. *A razão Populista*. São Paulo: Três Estrelas. 2013.
- LEYACK, P. *Escrituras en el análisis*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Paidós, 2017.
- MANZI, R. *Uma fera sempre à espreita – o que é fantasia em Freud?* Curitiba: Brazil Publishing, 2020.
- MASSON, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Imago, 1985
- MILNER, J. C. *Linguística e Psicanálise*. Belo Horizonte: Revista Estudos Lacanianos, 2010.
- PRADO JR., Bento. In: RIEDEL, Dirce Côrtes. *Narrativa – ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- PEREZ, D. O.; BOCCA, F. V. ; BOCCHI, C. *Ontologia sem espelhos: ensaio sobre a realidade Descartes - Locke - Berkeley - Kant - Freud*. Curitiba: CRV, 2014
- PEREZ D. O. STARNINO, A. (org) *Por que nos identificamos?* Curitiba: CRV, 2018
- ORLANDI, E. *A língua brasileira*. Revista Ciência e Cultura. vol.57 no.2 São Paulo, 2005
- ORWELL, G. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C., *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autentica, 2021
- STARNINO, A. *Les affects son effects :Para pensar a noção afeto em Jacques Lacan*. Modernos e Contemporâneos, UNICAMP, 2019
- SOLER, C. *A clínica do Real*. Revista da clínica freudiana, 1989
- TYSZLER, J. *O Fantasma na clínica psicanalista*. tradução: Letícia P Fonseca - Recife: Ed. da Association Lacanienne Internationale, 2014
- ZIZEK, S. *Bem vindo ao deserto do Real*. Editorial Boitempo, 2003

Recebido em: 17/05/2023; **Aceito em:** 28/08/2023.